

**INSTITUTO ENSINAR BRASIL
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOCTUM DE TEÓFILO OTONI**

**A EMANCIPAÇÃO FEMININA NO TRABALHO
E SUAS REPERCUSSÕES NA PROFISSÃO DE PSICÓLOGA
NO MUNICÍPIO DE TEÓFILO OTONI/MG**

**TEÓFILO OTONI
2019**

**CRISTINA SANTOS VELOZO
MARIA PAULA DE SOUZA NOVAIS**

**A EMANCIPAÇÃO FEMININA NO TRABALHO
E SUAS REPERCUSSÕES NA PROFISSÃO DE PSICÓLOGA
NO MUNICÍPIO DE TEÓFILO OTONI/MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Doctum de Teófilo Otoni, como requisito parcial para a obtenção do título de Psicóloga.

Profa. Orientadora: Me. Kely Prata
Silva

**TEÓFILO OTONI
2019**

FOLHA DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A emancipação feminina no trabalho e suas repercussões na profissão de psicóloga no município de Teófilo Otoni/MG”, elaborado pelas discentes Cristina Santos Velozo e Maria Paula De Souza Novais, foi aprovado por todos os membros da Banca Examinadora e aceito pelo curso de Psicologia do Centro Universitário Doctum de Teófilo Otoni, como requisito parcial da obtenção do título de Psicóloga(o).

Teófilo Otoni, de de 2019.

Orientador

Examinador 1

Examinador 2

Dedicamos essa pesquisa aos nossos pais pelo incentivo de nos mantermos firmes nessa caminhada e a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para nossa evolução.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus pelo caminho que percorremos, pelas lutas enfrentadas até chega aqui. Não foi fácil, mas sei que o Senhor nos sustentou até o final dessa jornada.

Aos nossos pais que serviram de base para que pudéssemos sempre seguir em frente e demonstraram que cada batalha vencida nos serviram de amadurecimento para prosseguirmos na nossa vida daqui em diante.

A nossa orientadora Kely Prata, pelos ensinamentos e por ter compartilhado seus ensinamentos, nos mostrou que podemos ser agentes da nossa própria construção.

E a todos os professores, amigos que caminharam conosco e foram seres humanos fundamentais para a nossa formação durante o percorrer desses cinco anos.

Se a classe trabalhadora tudo produz, a ela tudo pertence.

Karl Marx

RESUMO

Essa pesquisa apresenta como tema principal a Emancipação Feminina no trabalho e suas repercussões na profissão de Psicóloga, descrevendo os posicionamentos das mulheres psicólogas frente às relações de trabalho na contemporaneidade, principalmente nos campos de atuação da Psicologia no município de Teófilo Otoni/MG. O método foi pesquisa de campo, realizada através de formulários objetivos através de meios eletrônicos e digitais. Os resultados obtidos mostram um conjunto de profissionais bastante jovem, que atua exclusivamente como psicóloga a menos de 3 anos e obtêm subsídios financeiros suficientes para gerirem os cuidados de si e da família. O índice de saúde ocupacional parece satisfatório, embora relatem violência psicológica e institucional. Infere-se a partir disso que a emancipação e o protagonismo feminino ainda são insuficientes para superar a violência de gênero contra as mulheres, mesmo nos contextos laborais.

Descritores: Emancipação feminina. Psicóloga. Trabalho.

ABSTRACT

This research presents as main theme the Feminine Emancipation in the work and its repercussions in the profession of Psychologist, describing the positions of the psychologist women in relation to the work relations in the contemporaneity, mainly in the fields of Psychology work in the municipality of Teófilo Otoni / MG. The method was field research, carried out through objective forms through electronic and digital means. The results show a very young group of professionals, who act exclusively as a psychologist for less than 3 years and obtain enough financial subsidies to manage the care of themselves and the family. The occupational health index seems satisfactory, although they report psychological and institutional violence. It is inferred from this that women's emancipation and protagonism are still insufficient to overcome gender violence against women, even in work contexts.

Keywords: Female emancipation. Psychologist. Job.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	AS MULHERES NA SOCIEDADE: PATRIARCALISMO, COLONIALISMO E A LUTA FEMINISTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES	12
2.2	A INSERÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO: EMANCIPAÇÃO E SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO	14
2.3	O PROTAGONISMO NA PROFISSÃO DE PSICÓLOGA	18
3	MÉTODO DE PESQUISA	21
3.1	COLETA DE DADOS	21
3.1.1	O município de Teófilo Otoni/MG	22
3.2	ANÁLISE DE DADOS	23
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1	PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS PARTICIPANTES	24
4.2	O TRABALHO COMO PSICÓLOGAS	26
4.3	CARACTERIZAÇÃO DO CUIDADO COM SI MESMAS E COM A FAMÍLIA	32
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICES	38

1 INTRODUÇÃO

A emancipação feminina é um tema de interesse da Psicologia, principalmente porque as condições de desigualdades de gênero vivenciadas pelas mulheres em qualquer âmbito de suas vidas provocam a emergência de sofrimento psicológico que pode culminar com o adoecimento psíquico destas mulheres. Embora muito se tenha avançado na promoção dos direitos das mulheres, há muito a se fazer e superar, pois o alcance da cidadania feminina está diretamente ligado a mudanças estruturais nas formas de relacionamento entre homens e mulheres em qualquer situação.

A luta das mulheres pelos seus direitos e sua ascensão no mercado de trabalho perpassam um contexto histórico e social no qual as mulheres sempre estiveram em uma posição de subalternidade, recebendo menor remuneração que os homens nos mesmos cargos, exercendo as mesmas funções e nas mesmas condições de trabalho, mesmo tendo maior escolaridade, experiência/competência profissional, investimento em atualização e aperfeiçoamento etc., além da maior probabilidade de sofrerem assédio moral e sexual. Na história das sociedades, o trabalho feminino sempre esteve associado aos cuidados da família e o lar, restringindo-se ao âmbito doméstico e apenas nele sendo valorizada sua competência.

A desigualdade de gênero presente nas relações de trabalho é um entrave a melhores condições de trabalho para as mulheres, embora nas últimas décadas, alguns avanços foram conquistados pela classe feminina nas questões relacionadas com o trabalho. Através de movimentos sociopolíticos, as mulheres passaram a exigir direitos como condições dignas de trabalho e remuneração, igualdade e equidade entre os gêneros na seleção e composição dos quadros funcionais nas instituições e organizações, licença maternidade, creches, dentre outros. Paulatinamente as mulheres passaram a ocupar espaços e posições de trabalho fora do âmbito doméstico, mais ainda enfrentam muitos percalços, sendo essencial para a emancipação feminina novos modos de conceber o papel e o lugar das mulheres nas sociedades.

Entre as(os) profissionais da Psicologia, cerca de 89 % são mulheres de acordo com os dados de pesquisa de abrangência nacional realizada pelo

Conselho Federal de Psicologia, em 2012, para compreender a influência feminina sobre o exercício profissional. Em consonância com essa perspectiva e a partir do interesse em compreender a inserção feminina no mercado de trabalho, além de considerar a expansão dos cursos de graduação em Psicologia no país e no município de Teófilo Otoni/ MG, inseriu-se a seguinte problemática: De que modo que as mulheres se posicionam frente às relações de trabalho na contemporaneidade, principalmente nos campos de atuação da Psicologia no município de Teófilo Otoni/MG? Quais são as suas concepções sobre a profissão, as relações entre gênero e trabalho, e sobre sua condição como mulheres trabalhadoras?

Isso se faz relevante, tendo em vista que as mulheres ainda enfrentam dificuldades para se colocar no mercado de trabalho em função das perspectivas sociais acerca do trabalho feminino, inclusive nos campos de atuação da Psicologia onde há supremacia masculina nas posições de destaque na categoria e a referência masculina – o psicólogo – ser constante em todos os estudos sobre a profissão. Outro ponto de destaque diz respeito ao fato de que a inserção feminina no mercado de trabalho pode ser fonte de sofrimento psicológico devido a desigualdade e a falta de equidade nas relações de trabalho; a dupla/ tripla jornada de trabalho feminina e a dicotomia entre a carreira profissional e o exercício da maternidade que colocam as mulheres em questão quanto ao investimento profissional. A presença de filhos, associada ao ciclo de vida das trabalhadoras, à sua posição no grupo familiar – como cônjuge, chefe de família etc. –, à necessidade de prover ou complementar o sustento do lar, são fatores sempre presentes nas decisões das mulheres de ingressar ou permanecer no mercado de trabalho, não sendo diferente entre as psicólogas. Cabe enfatizar também que a emancipação feminina na sociedade ampliou as possibilidades das mulheres nos contextos de trabalho, porém as mulheres se submetem as condições de trabalho desiguais, com menores oportunidades de investimento numa carreira profissional e sendo a Psicologia uma profissão “feminina”, pelo menos em termos quantitativos, não surpreende que os salários, de uma maneira geral, não sejam elevados.

Desse modo, este estudo tem como objetivo descrever os posicionamentos das mulheres psicólogas frente às relações de trabalho na

contemporaneidade, principalmente nos campos de atuação da Psicologia no município de Teófilo Otoni/MG. Especificamente, buscou-se delimitar, em termos históricos e socioculturais, a inserção e a discriminação das mulheres no mercado e nas relações de trabalho e, sobretudo, na profissão de psicólogas; apontar a importância da emancipação feminina no enfrentamento das desigualdades de gênero nos contextos de trabalho, principalmente no que diz respeito ao trabalho como psicólogas; e caracterizar o exercício e a inserção profissional das psicólogas no município de Teófilo Otoni, em Minas Gerais, suas concepções sobre profissão, gênero e trabalho, além de sua condição como mulheres trabalhadoras. Acredita-se que conhecer a realidade profissional das psicólogas no município de Teófilo Otoni/MG pode ampliar as possibilidades de luta por melhores condições de trabalho para as psicólogas no município.

Para tal configurou-se como uma pesquisa de campo organizada textualmente da seguinte maneira:

- Referencial teórico que identificou, em termos sócio-históricos, a inserção das mulheres no mercado de trabalho, sua emancipação e protagonismo na profissão de psicólogas.
- Método que descreveu os procedimentos técnicos de pesquisa.
- Resultados e discussão que narrou os principais achados sobre a problemática em questão, no sentido de atender aos objetivos dessa investigação.
- Considerações finais que apontam o que pode ser apreendido em relação ao que foi pesquisado e o que ainda pode ser investigado sobre a temática.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AS MULHERES NA SOCIEDADE: PATRIARCALISMO, COLONIALISMO E A LUTA FEMINISTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES

Segundo Costa (2015), o patriarcalismo remete a um tipo de hierarquia em que homens exercem poder sobre as mulheres impondo de tal modo formas de pensar, de comportar-se e de viver que coíbem a expressão feminina. Afirma ainda que a sociedade está organizada a partir deste modelo patriarcal e colonial onde as mulheres são consideradas subalternas e incapazes de exercer determinados cargos, aliando a figura feminina a de mero objeto sexual e/ou à obrigação de cuidar do lar.

Assim, com esse sistema social, a desigualdade de gênero surge, inicialmente nas relações familiares como um controle que impede as mulheres de ter autonomia, gerando assim diversos tipos de violência contra as mulheres. Esta desigualdade manifesta-se, na contemporaneidade, em todas as relações entre homens e mulheres, inclusive nas relações de trabalho e culmina numa diferença política a partir da qual as mulheres têm de lutar para garantir seus direitos (COSTA, 2015; SAFFIOTI, 2011).

A inserção da mulher no mercado de trabalho se deu a partir da necessidade da contribuição da mulher para melhoria das condições financeiras da família. Com o advento da Revolução Industrial a mão de obra feminina ganha mais força, mas permaneceu presente o sucateamento dos salários e a representação social que de que as mulheres poderiam ser “disciplinadas” (BAYLÃO, SHETTINO, 2014).

Na busca incessante por autonomia e direitos, torna-se relevante relembrar um dado histórico marcante para que a inserção das mulheres no âmbito do trabalho ganhasse uma valorização mundial. Dadas as condições indignas de trabalho, 129 mulheres operárias de uma fábrica de tecelagem em Nova Iorque, no ano de 1957, reivindicaram a redução de um horário de mais 16 horas diárias para 10 horas, além disso, mesmo com esta jornada intensa de trabalho recebiam o salário menor que dos homens. As trabalhadoras foram

fechadas no interior da fábrica e um incêndio sentenciou a morte dessas mulheres no dia 08 de março daquele ano. Esse dia tornou-se um marco na luta feminista pelos direitos das mulheres e foi designado internacionalmente como o “Dia da Mulher”. Assim é de extrema relevância que as mulheres comecem a se perceber e tomar consciência do seu papel no mercado de trabalho (BAYLÃO, SHETTINO, 2014).

Com as transformações da sociedade, as mulheres buscaram romper as barreiras do patriarcalismo e do colonialismo. Segundo Bandeiras (2014), com as progressões das mulheres no campo do trabalho fora do contexto familiar, foram desenvolvidos estudos baseados no gênero, um campo teórico-metodológico que foi instituído a partir das reivindicações feministas brasileiras e internacionais, com intuito de intervir nas condições de vida das mulheres, assegurando-lhes direitos em todas as dimensões socioculturais, políticas e econômicas.

A desigualdade de gênero tem como principal repercussão a violência de gênero contra as mulheres que se constitui como um fenômeno persistente na sociedade. Práticas que incitam o medo, o isolamento, a dependência e a intimidação de mulheres, através do uso da força real e simbólica, são comuns em todos os contextos pelos quais as mulheres circulam (BANDEIRAS, 2014). Isso favorece a construção de uma “epistemologia feminista” que produz novos conhecimentos e reforçam a luta feminista por igualdade e empoderamento das mulheres na sociedade, buscando reivindicar seus direitos e incentivando a autonomia feminina em todos os seus posicionamentos (RAGO, 2007).

O feminismo instituiu um novo olhar para que a inserção da mulher no mercado de trabalho fosse levada a sério pelos poderes políticos (MADERS; ANGELIN, 2010). Constituiu uma identidade feminina, ampliando o diálogo além dos espaços da militância política para os núcleos de pesquisas e para a academia (Heilborn; Sorj, 1999 apud BANDEIRA, 2014). Nas relações de trabalho, a luta ainda precisa obter mais força para garantir o reconhecimento e a valorização do trabalho feminino (BETIO; TONELLI, 1991).

2.2 A INSERÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO: EMANCIPAÇÃO E SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO TRABALHO

Para Calvacanti (2005), as mulheres lutaram e enfrentaram diferentes batalhas para garantir seus direitos e melhoria nas condições de vida e trabalho. No século XX, o combate que, por ora, deixou de ser específico e vinculado somente ao sexo, passou a ser uma preocupação com os direitos e a dignidade feminina em todos os âmbitos da vida humana. A luta que tinha como o enfoque um movimento de saída do espaço privado para a ocupação de lugares públicos, passou a buscar a participação e a cidadania feminina.

Conforme Bruschini (2005), a mulher, ao conquistar direitos ao e no trabalho, desenvolve novas identidades femininas. Pigatto (2010) destaca que emancipar a figura feminina é buscar a inclusão e a valorização das mulheres com o único objetivo, de desenvolver autonomia e a conscientização da sua importância para a humanidade desde os cuidados maternos e familiares até sua participação política e econômica no desenvolvimento das sociedades.

Segundo Silva et al (2005), as mulheres vêm avançando no que se refere ao aspecto cultural e político. No Brasil, por exemplo, a população brasileira elege mulheres para os cargos políticos e cerca de 12 milhões de mulheres ingressaram no mercado de trabalho brasileiro nos últimos 15 anos, sendo que, hoje, mais de 30 milhões de mulheres exercem funções fora do âmbito familiar.

Discutir o papel da mulher nas relações de trabalho é pontuar questões ainda existentes na sociedade. Segundo Vieira (2005), a inserção no mercado de trabalho refletiu em diversas mudanças – ter uma mulher ocupando o mesmo espaço que o homem, exercendo as mesmas funções com salários condizentes ao seu cargo e, principalmente, exerce influência sobre outras mulheres para buscarem as mesmas condições de trabalho. Assim, as mulheres ganham representatividade e seu posicionamento pode lhes garantir direitos igualitários e condições equitativas.

Contudo, segundo Abramo (2007), mesmo com o crescimento significativo da participação feminina no Brasil no mercado de trabalho ainda é constante a desigualdade de gênero. A divisão sexual do trabalho que confere

à mulher o cuidado doméstico, na maioria das vezes, desvalorizado no contexto público social (GUEDES; SOUSA, 2016). Os estereótipos de gênero e as representações sociais de homens e mulheres tem proporcionado a reprodução das desigualdades que continuam sendo experimentadas pelas mulheres trabalhadoras. De acordo com Costa (2017), apesar de alguns avanços já conquistados, as relações ainda são conservadoras e pautadas no modelo patriarcal onde as condições de trabalho das mulheres são marcadas pela desigualdade salarial, dupla jornada de trabalho e diversos tipos de violência aos quais estão expostas no contexto laboral e familiar (em decorrência do trabalho).

Outro fator que se destaca na desigualdade entre homens e mulheres relacionadas ao trabalho são apontadas por Guedes e Sousa (2016) ao afirmar que a masculinidade foi associada *homo economicus*, aquele que age pela racionalidade e a feminilidade marcada pelo sentimentalismo e irracionalidade, assim institucionalizando que os homens teriam suas atividades voltadas para o setor econômico, e as mulheres para atividades que envolvam cuidados e altruísmos. Costa (2017) reitera essa perspectiva ao dizer que, nas sociedades, coube ao homem as funções que envolviam esforço físico e agilidade facilmente atreladas a produção de riqueza em grande escala, e às mulheres o trabalho “mais leve” e sem impacto significativo em termos econômicos.

Teixeira (2009) destaca que as mulheres ao se inserirem no contexto do trabalho estão entrando em um espaço de exploração e dominação masculina. Neste sentido, permanecem as desigualdades salariais, a feminização de algumas profissões e desvalorização do trabalho feminino. A essa invisibilidade da mulher no trabalho é constante e reforçada por mecanismos sociais de dominação, pois percebe-se ainda uma discriminação ao contratar mulheres que possuem filhos e/ou que são casadas e com “punições” quando estas se ausentam no trabalho devido a questões familiares, conforme desta Serpa (2010).

Amaral (2012) ainda indica que a inserção da mulher no mercado de trabalho ainda é complexa pela constante necessidade de qualificação, pela responsabilidade exacerbada com as tarefas domésticas e pela exigência de conformidade com os padrões de beleza que ainda permanecem. A conquista de novos papéis e a possibilidade de realização profissional ainda não

conseguiu romper com a tradicionalidade das funções sociais atribuídas às mulheres.

Conforme Maders e Angelin (2010), a construção e o reconhecimento da figura feminina na sociedade permanecem sendo uma tarefa difícil, pois as mulheres têm como difícil missão de se posicionar através desse novo “feminino”, assumindo uma dupla identidade: para serem valorizadas no mercado de trabalho exercem funções como homens e, ao mesmo tempo, são mulheres. Isso pode ocasionar diversos tipos de sofrimentos que ocorrem eventualmente nas relações trabalho, como depressão, angústia, distúrbios relacionados ao sono, sentimentos confusos de tristeza e ressentimento (Nascimento apud SINDICATO DOS TRABALHADORES DO CEARA, 2009).

Embora o trabalho seja representado socialmente como uma fonte de realização, geradora de autonomia para gerenciar sua própria vida, em relação a mulher surgem adversidades: jornada dupla ou tripla de trabalho, dicotomia entre a carreira profissional e o exercício da maternidade, exigências quanto ao papel de esposa e companheira etc., que são fonte de estresse emocional, sobrecarga física e psíquica, além de contemplar muitas desigualdades de gênero que dificultam a conciliação das tarefas, imputando a elas o ônus do trabalho (COSTA, 2016). Cabe atentar ainda para o fato de que conciliar a vida profissional e familiar gera nas mulheres, muitas vezes, sentimentos ambivalentes, falta de tempo para se dedicar a família e acompanhar o crescimento dos filhos, e para dedicar a si mesma. Essa condição de estresse emocional e esgotamento físico, aparece também como sentimento de culpa que está intrinsecamente articulada ao fato de que os modelos familiares ainda seguem a estrutura patriarcal, em que as mulheres devem desempenhar vários papéis sociais sem deixar de se comprometer com todos, assim são expostas ao risco de comprometerem a saúde física e emocional nessa dinâmica.

O trabalho tornou-se um atributo pelo qual as mulheres pudessem alcançar a liberdade concedida pela emancipação financeira, mas essa liberdade confere também penalizações subjetivas e dificuldades que deixam latentes as desigualdades estruturais entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Apesar dos inúmeros avanços no reconhecimento e na participação das mulheres no mercado de trabalho, não se registrou uma diminuição

significativa da desigualdade de gênero: “o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho está mais vinculado à expansão de atividades “femininas” do que ao acesso a atividades “masculinas”. Por outro lado, algumas profissões perderam seu prestígio ao se “feminilizarem”, como argumentam Quitete, Vargens e Progianti (s/d, p. 234).

A feminilização e a feminização das profissões, também é fator importante a serem apresentados. Feminilização possui um significado quantitativo, ou seja, refere-se ao aumento do peso relativo do sexo feminino na composição de uma profissão ou ocupação, sua mensuração e análise realizam-se por meio de dados estatísticos. Feminização denota um significado qualitativo a partir da significância e do valor social de uma profissão ou ocupação, que originaram da feminilização, e foram vinculadas à concepção de gênero predominante em uma época. Para a autora, existe uma relação intensa entre o acesso massivo de mulheres a uma profissão ou ocupação (feminilização) e sua transformação qualitativa (feminização). À medida que aumenta a presença feminina, diminuem as remunerações, a ocupação passa a ser considerada pouco qualificada e decai o prestígio social da profissão (QUITETE; VARGENS; PROGIANTI, s/d, p. 234).

Estes autores afirmam que a medida que as profissões foram “feminilizadas” e consideradas “femininas”, os salários e o prestígio das mesmas foram paulatinamente diminuídos, foi o que aconteceu com as profissões nas áreas da Educação (Pedagogia, Educação Infantil e Ensino Médio), das Ciências da Saúde (Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia) e das Ciências Humanas (Psicologia). Nas Ciências Exatas, por exemplo, a profissão de arquiteto e urbanista, por exemplo, é considerada “feminina”, tem maior ingresso de mulheres na graduação e menos prestígio social que a Engenharia Civil, espaço predominantemente “masculino” (STANCKI DA LUZ, 2009).

O Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicou, em 2014, uma análise dos resultados do Censo Demográfico de 2000 a 2010 a partir de indicadores de desigualdades de gênero, combinada a desigualdades de raça/etnia, idade, local de moradia (rural e urbano) e classes de rendimento. A análise da inserção das mulheres no mercado de trabalho, aspecto relevante da autonomia e da emancipação feminina, inclui a taxa de atividades e de formalização dos contratos de trabalho, o nível de escolaridade exigido, e o

nível de ocupação das mulheres com filhos pequenos relacionada ao acesso à creche.

Os dados mostraram que: as mulheres aumentaram sua participação no mercado de trabalho, principalmente as de cor branca, que vivem nas áreas urbanas e possuem curso superior, mas ainda em sua maior parte, essas mulheres exercem atividades sem contrato formal de trabalho. Outro dado relevante diz respeito ao impacto da oferta de creches na participação das mulheres no mercado de trabalho, pois na ausência ou restrição dessa oferta, as mulheres tendem a buscar trabalhos informais que permitam o trabalho em tempo parcial e/ou de forma mais flexível. Portanto ter mais escolaridade não garante que as mulheres tenham melhor remuneração ou melhores condições de trabalho, principalmente se tem filhos dependentes.

O rendimento médio das mulheres é menor do que os dos homens, sugerindo maior dependência feminina que, aliada a desvalorização do trabalho doméstico, torna as mulheres mais suscetíveis a situações de violência de gênero. Neste quesito, cabe ressaltar que as mulheres brancas ainda têm condições de renda melhores que as mulheres negras e que seu rendimento representa em média 41% do rendimento familiar para as mulheres brancas e 51% para mulheres negras. Essas estatísticas de gênero relacionadas com o trabalho mostram que ainda há muito o que se fazer a fim de superar as desigualdades relacionadas a inserção no mercado de trabalho para as mulheres.

2.3 O PROTAGONISMO NA PROFISSÃO DE PSICÓLOGA

Após a regulamentação da profissão de Psicologia em 1962, no Brasil, movimentos organizados objetivavam traçar limites para possíveis atuações e demarcar os espaços da Psicologia, bem como para conhecer o perfil dos profissionais que atuam na profissão. Rosemberg (1983) afirma que meados do ano 1981, o sindicato dos Psicólogos de São Paulo encomendou ao DIEESE uma pesquisa sobre o perfil profissional do Psicólogo. Esta pesquisa indicou a presença de um maior índice de mulheres na profissão e a psicologia pareceu “constituir uma carreira desviante no que diz respeito às discriminações

sofridas pela mulher: remuneração inferior à masculina; remuneração complementar à renda familiar; encargos familiares que competem com a atuação profissional; dificuldades de absorção pelo mercado de trabalho” (ROSEMBERG, 1983, p. 8).

Castro e Yamamoto (1998) reiteram os estudos de Rosemberg (1983 e 1984) e indicam a Psicologia como a quarta carreira com massiva presença feminina e que as discriminações em relação às mulheres permanecem na profissão. Esses autores mostram que a inserção profissional no mercado de trabalho é diferente para psicólogas e psicólogos. Geralmente os psicólogos trabalham em tempo integral, podendo ter várias ocupações simultâneas, o que traz maior benefício financeiro. Além disso, a maior parte das psicólogas trabalham na clínica particular, enquanto os psicólogos atuam nas organizações e na docência no Ensino Superior com retornos financeiros mais significativos, pois sua dupla jornada de trabalho também é duplamente remunerada. Por outro lado, as psicólogas investem mais em áreas de atuação consideradas emergentes, enquanto os psicólogos dirigem-se a áreas mais tradicionais e estáveis financeiramente.

Monte (2015) retrata que naturalização passa por um processo em que a cultura se torna uma norma na sociedade, algo que é instituído e se perpetua. Um exemplo é a produção histórica da diferenciação entre o espaço público (espaço da política, da ação, da construção, do progresso científico e tecnológico) e o espaço privado (do cuidado, da privacidade, da vida enclausurada, da manutenção da vida). A predominância das mulheres na Psicologia parece relacionar-se intimamente com a questão essencial do privativo da vida psicológica e dos cuidados, assim como o caráter privado da profissão. Desse modo, não se pode desconsiderar que a escolha pela profissão de psicóloga pelas mulheres carrega consigo marcas de desigualdades sociais, salariais, e todo tipo de preconceito que tange a figura da mulher no seu meio social (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2014).

Em 2013, Louise A. Lhullier organizou uma coletânea de textos sobre a relação das mulheres com a Psicologia como profissão. Esta coletânea discutiu os dados de uma pesquisa desenvolvida pelo Conselho Federal de Psicologia em 2012 sobre o trabalho das/os profissionais de Psicologia no país, que

apontou a feminização da profissão pois cerca de 88% dos profissionais da psicologia em exercício no país são mulheres.

Estes trabalhos mostraram que a maior parte das psicólogas exercem a profissão de forma exclusiva, principalmente nas áreas da saúde e das organizações. Os dados indicaram também a renda e o poder estão atrelados aos rendimentos provenientes da atividade como psicóloga que variam de 3 a 10 salários mínimos mensais, conforme sua área de atuação.

A pesquisa denotou que a maior parte das profissionais participantes buscou formação complementar através de especializações lato sensu, com forte inclinação à Psicanálise. Estas profissionais também gerenciam o trabalho doméstico, o cuidado de si e com a família e apontaram violências sofridas no exercício profissional pelo fato de serem mulheres. Ainda coube observar que a presença massiva de mulheres na psicologia parece relacionar-se intimamente com a questão essencial do privativo da vida psicológica e dos cuidados, assim como o caráter privado da profissão.

Contudo, as autoras desta coletânea de textos indicaram a escassez de produção acadêmico-científica sobre as mulheres na psicologia, sendo necessário refletir sobre a atuação das profissionais psicólogas e as repercussões da inserção dessas mulheres no mundo do trabalho contemporâneo. No município de Teófilo Otoni e região, especialmente, pois há dois cursos de graduação em Psicologia em amplo funcionamento. Será que as psicólogas nesse município têm as mesmas condições de trabalho, questionam a divisão sexual do trabalho, a precarização e a baixa remuneração dirigida a profissão de Psicóloga? Militam pelo reconhecimento da profissão, pela redistribuição igualitária das tarefas domésticas e pela emancipação das mulheres? Por isso, considera-se essencial discutir o campo profissional da psicologia numa perspectiva de gênero.

3 MÉTODO DE PESQUISA

Esta pesquisa é um levantamento acerca dos processos de emancipação feminina no âmbito do trabalho, principalmente em relação à profissão de psicóloga. Caracteriza-se pela interrogação direta às psicólogas que trabalham no município de Teófilo Otoni/MG, nos diversos campos de atuação, sobre a escolha e motivação para o trabalho, a percepção do reconhecimento e da valorização do trabalho e os desafios de ser mulher nesta profissão. O objetivo foi caracterizar o processo de emancipação e feminização da profissão de psicóloga no município e identificar as correspondências com o movimento nacional, sendo, portanto, um estudo descritivo.

3.1 COLETA DE DADOS

A pesquisa iniciou com um levantamento bibliográfico sobre a temática em questão, buscando identificar referências teóricas já analisadas e publicadas por meio impresso ou indexadas nas bases de dados Scielo e Pepsic. A busca se deu pelo intercruzamento de descritores como: Desigualdade de gênero; Discriminação do trabalho feminino; Emancipação feminina; Relações de trabalho; Psicologia. Os critérios de inclusão utilizados foram: publicações acadêmico-científicas impressas ou indexadas nas bases de dados supracitadas, em português, no período de 2013 a 2018 (exceção para publicações em período anterior que se mostraram relevantes a compreensão da temática proposta), resultantes de pesquisas teóricas e aplicadas sobre a temática e com acesso ao conteúdo completo da publicação.

A segunda etapa se destinou à construção do formulário a ser aplicado às psicólogas que trabalham em diversas áreas de atuação da Psicologia no município de Teófilo Otoni, em Minas Gerais. Neste formulário, constaram questões previamente formuladas com alternativas de respostas objetivas para seleção pela participante da alternativa que mais se aproxima de suas perspectivas. O formulário foi encaminhado por meio eletrônico às participantes que, voluntariamente, responderão as questões propostas na plataforma online

em que o formulário foi construído, sendo o contato entre pesquisadoras e participantes mediados inteiramente por tecnologias de Informação e comunicação digitais. O Termo de consentimento livre e esclarecido pode ser aferido no apêndice 1 e o formulário no apêndice 2. Cabe informar que esta pesquisa foi submetida a análise ética pelo Comitê de Ética em Pesquisa desta instituição de ensino superior.

A amostra foi intencional, uma vez que as participantes receberam o convite para participar voluntariamente da pesquisa através de e-mail e nos grupos de *whatsapp*. Há ciência de que o tamanho da amostra pode não ser quantitativamente relevante para tornar os resultados obtidos cientificamente significativos, contudo, considera-se a finalidade acadêmica de identificar e caracterizar a emancipação e feminização da Psicologia na região. Desse modo, essa investigação se caracterizou como um estudo de casos múltiplos, pois cerca de 21 psicólogas responderam ao formulário enviado.

3.1.1 O município de Teófilo Otoni/MG

O município de Teófilo Otoni está localizado no nordeste do Estado de Minas Gerais, no Vale do Mucuri. É considerado centro macrorregional, com uma área geográfica de 3.242.270 km² e uma população estimada de 140.235 habitantes, sendo a densidade demográfica de 41,56 hab/km² e o índice de desenvolvimento humano municipal de 0,701 (IBGE, 2018).

Mapa 01. Teófilo Otoni em Minas Gerais



Fonte: <http://artesanato-teofilootoni.blogspot.com/2010/10/cidade-de-teofilo-otoni.html>

Há dois cursos de graduação em Psicologia em funcionamento no município, há mais de dez anos, em duas instituições de ensino superior privadas. A cada semestre formam, em média, cerca de 50 psicólogas/os que buscam inserção profissional na região dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, principalmente.

Essa inserção ocorre através, primordialmente, pela atuação nas áreas das Políticas Públicas de Saúde e Assistência Social através de vínculos empregatícios assalariados. Outra forma de inserção é o trabalho autônomo em consultório e clínicas particulares. Segundo o Conselho Regional de Psicologia, 4ª Região – Minas Gerais, Subsele Leste, há 302 psicólogas com registro ativo neste conselho que residem no município de Teófilo Otoni/MG.

3.2 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi feita quantitativamente por meio dos seguintes procedimentos: codificação das respostas, tabulação dos dados e cálculos estatísticos inferenciais simples. A análise qualitativa dos dados consistiu fundamentalmente em estabelecer ligação entre os dados obtidos e os referenciais teóricos pesquisados. A apresentação dos resultados foi feita por meio gráfico e por meio de descrições com considerações acerca da correlação (ou não) com os referenciais teóricos pesquisados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com dados oficiais do Conselho Federal de Psicologia, atualizados no dia 10 de junho de 2019, há 342.335 psicólogas/os com registro ativo no Brasil, destes 37.302 profissionais estão em Minas Gerais, sendo 31.806 mulheres e 5.492 homens. O Conselho Regional de Psicologia, 4ª região - Minas Gerais, Subsede Leste, informou que há registro ativo de 302 psicólogas no município de Teófilo Otoni. O que significa que neste município, há 0,95% da amostra nacional de psicólogas.

O convite para participação nesta pesquisa foi feito através especificamente de e-mail e grupos de *whatsapp* dirigidos aos profissionais de Psicologia do município. Neste convite foi explicada a pesquisa e seus objetivos e encaminhado o link para acesso ao termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE e ao formulário de pesquisa. Apenas as profissionais que aceitaram o TCLE, tiveram acesso ao formulário que ficou disponível do dia 10 de maio ao dia 10 de junho.

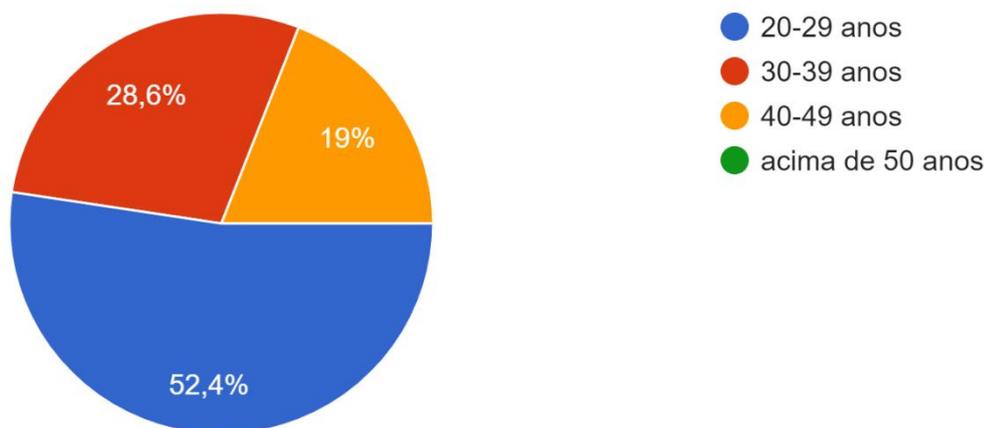
Apenas 21 profissionais responderam ao questionário, correspondendo a 6,9 % do total de psicólogas com registro ativo no Conselho Profissional na região. Desse modo, os resultados apresentados devem ser considerados estudos de casos múltiplos e não dizem respeito a generalizações. As informações serão correlacionadas aos resultados da pesquisa nacional, intitulada “Quem é a psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e trabalho”, organizada por Lhullier para o Conselho Federal de Psicologia, no período entre 2012 e 2013.

4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS PARTICIPANTES

Entre as participantes 52,4% tem idade entre 20 e 29 anos, indicando que a região tem profissionais jovens, o que não é surpreendente, tendo em vista que o município tem dois cursos de graduação com cerca de 10 anos de funcionamento. Isso também coaduna com a média nacional que mostra que

quanto menor a faixa etária até os 30 anos, maior o número de profissionais graduados (LHULLIER; ROSALINDO, 2013).

Gráfico 1. Idade

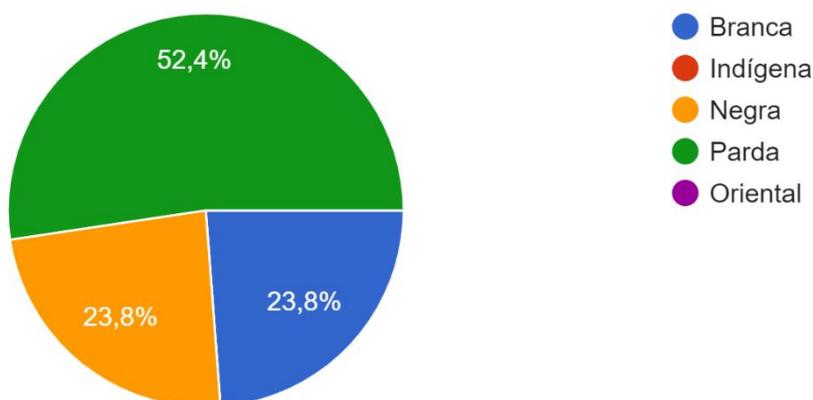


Fonte: Formulário desta pesquisa. 21 respondentes. Resposta única e estimulada.

A pesquisa realizada entre psicólogas brasileiras demonstrou-se que o percentual dessa amostra com idades até 29 anos é mais que o dobro das que possuem idade igual ou superior a 60 anos. O resultado demonstrou a expressiva expansão dos cursos de graduação em Psicologia no país e também o crescente aporte de jovens profissionais no mercado de trabalho (LHULLIER; ROSALINDO, 2013).

A maior parte da amostra é solteira (47,6%) e não tem filhos (71,4%), o que se deve ao perfil jovem das psicólogas atuantes no município.

Gráfico 2. Raça/cor autodeclarada



Fonte: Formulário desta pesquisa. 21 respondentes. Resposta única e estimulada.

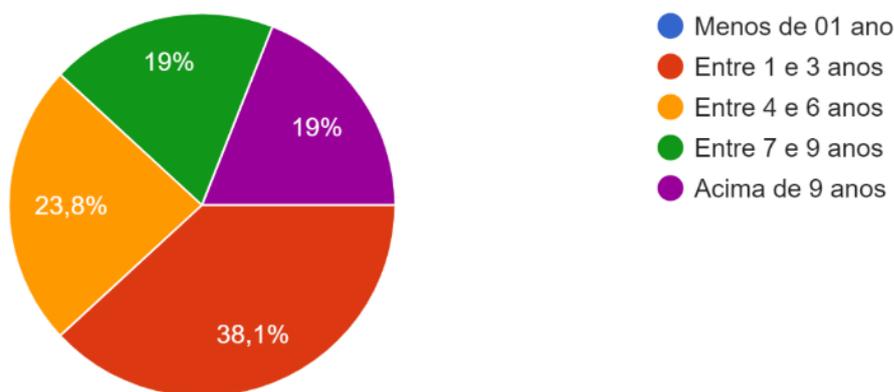
Quanto à cor/raça, 52,4% se declararam pardas, contrastando com os dados nacionais que indicam 67% de declarantes brancas. Podemos considerar que o município em questão tem, na história de sua construção, a contribuição de portugueses, italianos, alemães, sírio-libaneses e indígenas, resultando na miscigenação racial que permite caracterizar a maior parte da população teófilo otonense como parda.

A representatividade das psicólogas negras nesta pesquisa coincide com a média nacional. Na pesquisa nacional com as psicólogas brasileiras, 67% das entrevistadas afirmaram ser de raça ou cor autodeclaradas brancas e 25% se declararam pardas. O percentual das que se declararam negras, amarelas ou indígenas foi representado como sendo um dado pequeno. Essa diferença é marcante, pois a predominância de brancos sobre negros no acesso ao ensino superior é expressivamente reconhecida, o que promoveu a implementação de políticas estatais que visaram a colaboração para que estudantes negros tivessem o acesso ao ensino universitário. Com a representatividade sendo baixa no país em relação às mulheres negras na profissão de psicóloga, apresentou-se como um aspecto que evidencia a desigualdade de oportunidades e um obstáculo a ser superado (LHULLIER; ROSALINDO, 2013).

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO COMO PSICÓLOGAS

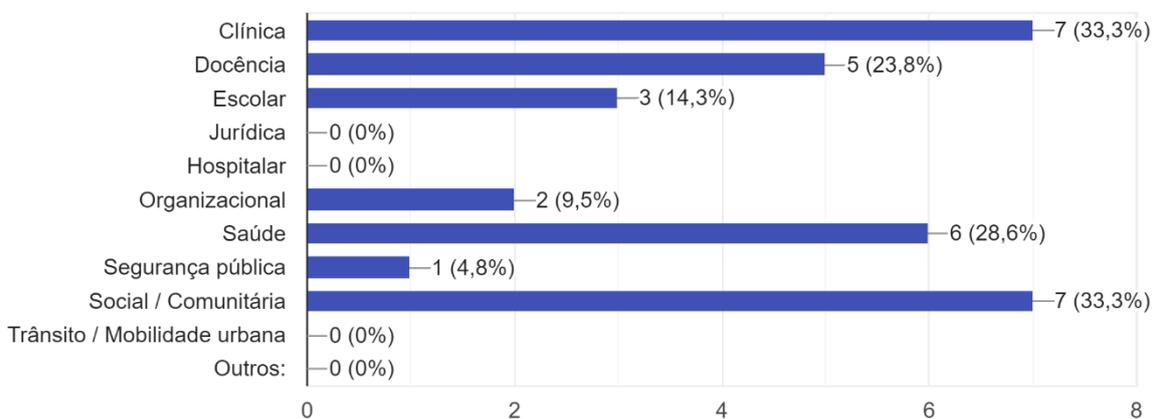
Em relação ao tempo de atuação, 38,1% das entrevistadas atuam como psicólogas há, no máximo, 3 anos. Isso mostra um grupo em ascensão profissional e ainda pouco experiente no exercício da profissão. Além disso, 81% das entrevistadas atuam exclusivamente como psicóloga, demonstrando que o exercício da profissão é o único meio para se manter financeiramente.

A pesquisa nacional evidenciou que 53% das psicólogas entrevistadas exercem exclusivamente a profissão como principal atividade de ocupação, correspondendo ao encontrado no município de Teófilo Otoni.

Gráfico 3. Tempo de atuação como psicóloga

Fonte: Formulário desta pesquisa. 21 respondentes. Resposta única e estimulada.

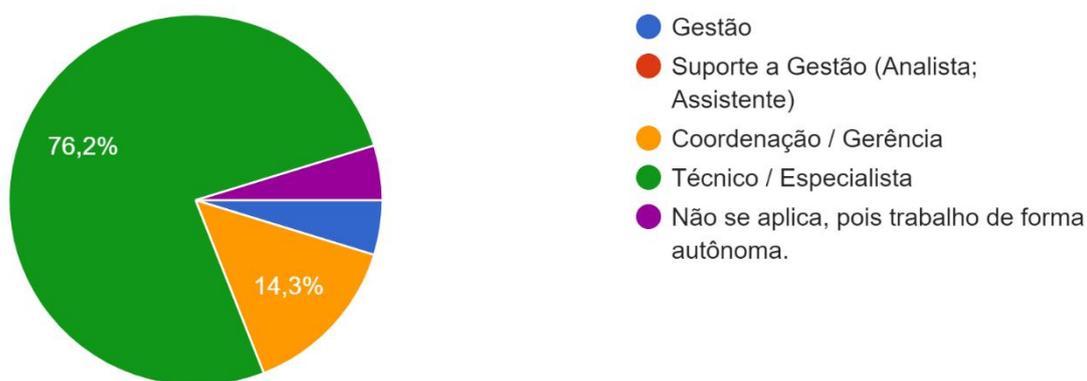
Quanto a área de atuação, 33,3 % atuam nas áreas clínica e social/comunitária, seguidas pela área da saúde (28,6%) e pela docência no Ensino Superior (23,8%). No município de Teófilo Otoni, a inserção profissional se dá através do trabalho autônomo nos consultórios e clínicas particulares e através do trabalho assalariado nas Políticas Públicas de Assistência Social e de Saúde, principalmente. Embora não tenha sido o alvo da pesquisa, deve-se levar em consideração que essas profissionais podem combinar esses modos de inserção simultaneamente. Na pesquisa nacional, em 2012, observou-se que a principal área de atuação, apontada por 45% das psicólogas entrevistadas, foi a área da saúde, citada pelas entrevistadas como sendo a área com maior retorno financeiro (MACEDO et al, 2011 citado por LHULLIER; ROSALINDO, 2013).

Gráfico 4. Área de atuação na Psicologia

Fonte: Formulário desta pesquisa. 21 respondentes. Resposta múltipla e estimulada.

A Psicologia Clínica destaca-se também por ser a principal ênfase das matrizes curriculares dos cursos de graduação em funcionamento no município de Teófilo Otoni/MG. Cabe ressaltar ainda que o trabalho clínico, embora solitário em seu cotidiano, já exige disposição para discussão dos casos clínicos com outros profissionais de saúde e permite o acompanhamento de situações diversas envolvendo questões ligadas ao desenvolvimento humano, à aprendizagem, às relações intra e interpessoais, ao diagnóstico psicológico etc. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

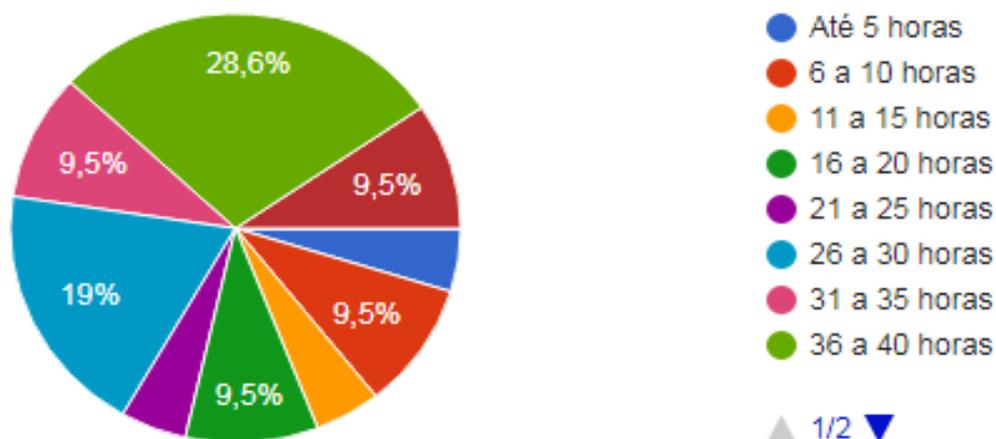
Gráfico 5. Cargos ocupados como Psicóloga



Fonte: Formulário desta pesquisa. 21 respondentes. Resposta única e estimulada.

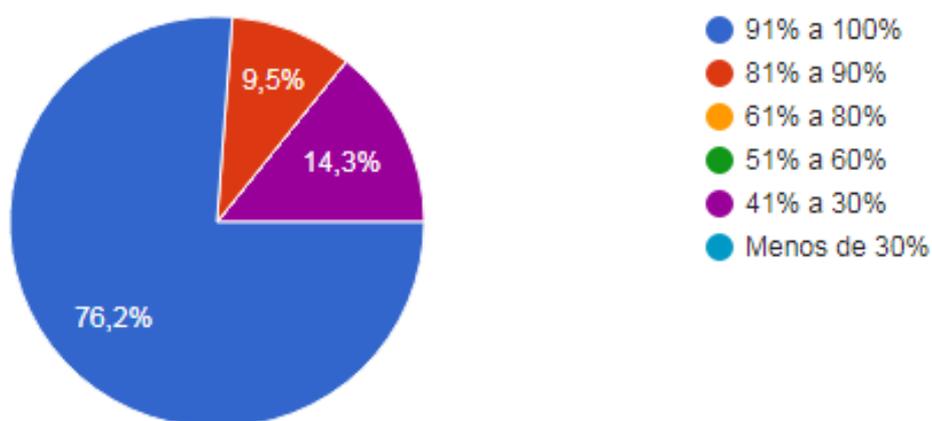
As psicólogas entrevistadas ocupam prioritariamente cargos como Técnicas/Especialistas. Isso é pertinente, uma vez que a maioria delas tem pouca experiência profissional e trabalha na área das Políticas Públicas cuja inserção é como técnico/especialista, com carga horária de 40 horas como pode ser constatado no gráfico a seguir.

As instituições de ensino superior também são indicadas como local de trabalho por 28,6% das entrevistadas. Neste campo de trabalho, no município, os cursos de graduação são no turno noturno e a carga horária é variável entre 8 e 20 horas semanais, o que permite a dupla ou tripla inserção no mercado de trabalho e melhor remuneração.

Gráfico 6. Horas semanais trabalhadas pelas psicólogas

Fonte: Formulário desta pesquisa. 21 respondentes. Resposta única e estimulada.

Estes dados coincidem com os levantados em 2012 na pesquisa nacional. Há, em tramitação, um projeto de lei para regulamentar a carga horária do trabalho das/os psicólogas/os em 30 horas, o que favorecia a dupla ou tripla inserção profissional no mercado de trabalho, ampliando o rendimento daqueles cujo vínculo é assalariado (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

Gráfico 7. Parcela de rendimentos provenientes da profissão de psicóloga

Fonte: Formulário desta pesquisa. 21 respondentes. Resposta única e estimulada

Para 76,2% das entrevistas, seus rendimentos advêm quase exclusivamente de sua atuação como Psicóloga. Segundo a pesquisa nacional

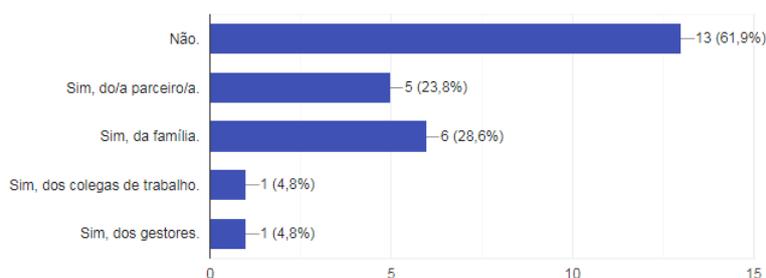
realizada em 2012, o mesmo acontecia com 62% das psicólogas entrevistadas (LHULLIER; ROSALINDO, 2013).

Apontam 95,2% das psicólogas entrevistadas que trabalham de forma assalariada, variando apenas o regime: 38,1% por contrato de trabalho, 38,1% de acordo com o preconizado na Consolidação das Leis Trabalhistas e 19% em regime estatutário. Estes dados mostram um descompasso, pois a maior parte indicou como área de trabalho a área clínica que seria realizada em consultório/clínica particular. Podemos entender como uma dupla inserção profissional ou podemos inferir, em consonância com a pesquisa de 2012, que mesmo nas Políticas Públicas, a psicóloga realiza suas atividades pelo viés biomédica, com atendimentos individualizados e foco no desenvolvimento intrapessoal.

Quanto a formação complementar a graduação em Psicologia, 42,9% das entrevistadas possuem especialização lato sensu associadas à área em que atuam. Por outro lado, 33,3% fez qualquer investimento em formação complementar. Isso pode estar ligado às escassas ofertas de especialização no município e regiões circunvizinhas. Para efetivar formação complementar, *stricto sensu* ou mesmo formação técnica especializada, é necessário realizar viagens semanais ou quinzenais por cerca de 9 horas, no mínimo, a outras cidades onde estes serviços são oferecidos, uma vez que o principal meio de transporte disponível no município é por meio das rodovias.

Outro dado relacionado a essa questão tem a ver com a falta de apoio para investir em sua qualificação profissional indicada por 61,9% das entrevistadas neste estudo. Quando o apoio ocorre, geralmente vem da família e não das instituições que empregam essas profissionais.

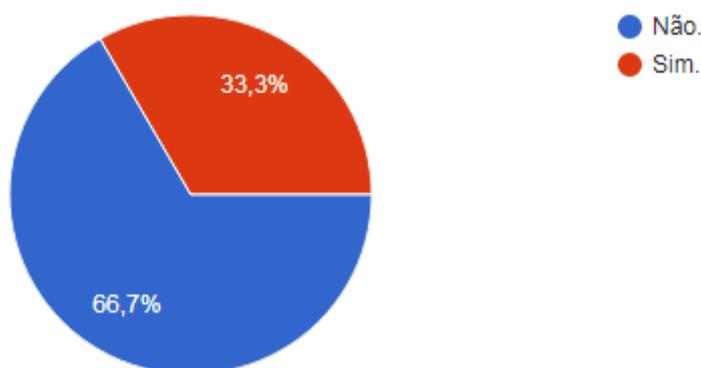
Gráfico 8. Apoio para investir em sua qualificação profissional



Fonte: Formulário desta pesquisa. 21 respondentes. Resposta única e estimulada.

66,7% das entrevistadas afirmaram não ter tido qualquer tipo de violência, mas 33,3% sofreram agressões, demonstrando uma porcentagem que requer atenção. Quanto ao tipo de violência, nos resultados apresentados pela pesquisa realizada no município de Teófilo Otoni, 85,7% das profissionais da área da Psicologia já sofreram agressão psicológica por agressões verbais que afetaram sua autoestima; 42,9% já sofreram agressão moral e 14% tiveram seu direito patrimonial violado. Quanto aos autores de violência de gênero no campo do trabalho percebeu-se que 57,1% das entrevistadas relataram que as agressões vêm do gestor do local de trabalho.

Gráfico 10. Violência de Gênero



Fonte: Formulário desta pesquisa. 21 respondentes. Resposta única e estimulada

Na pesquisa realizada em 2012 ficou constatada que 27% das psicólogas brasileiras sofreram violência em algum momento da vida profissional, sendo os tipos violência que mais se destacaram a agressão verbal, a agressão física e o assédio moral e 11% das psicólogas entrevistadas naquela pesquisa já sofreram violência sexual (LHULLIER; ROSALINDO, 2013).

Simões e Mello (2016) relatam que as agressões nos ambientes de trabalho se referem a atos ofensivos dirigidos ao empregado, colocando a vítima em situação de constrangimento e conseqüentemente levando a problemas psicológicos. Percebeu-se que 85,7% das entrevistadas no município de Teófilo Otoni/MG não tiveram iniciativa de procurar meios de comunicar a violência percebida/sofrida aos órgãos competentes, sendo essa

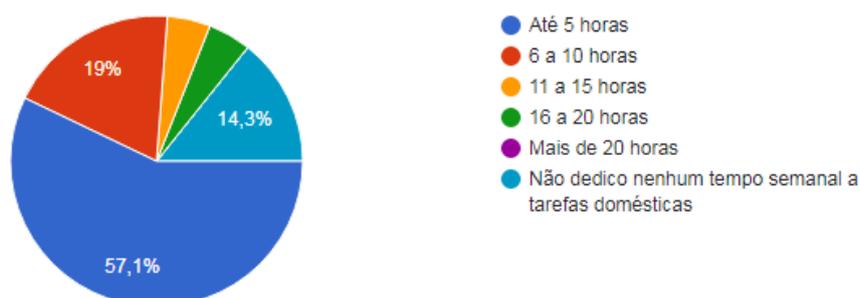
porcentagem bem relevante, pois esses dados caracterizam o medo, a intimidação, ou mesmo o receio de recorrer às autoridades e não possuir um amparo necessário para garantir sua segurança.

Assim com esse resultado percebeu-se que a violência de gênero no Brasil ainda é frequente (AKUTSU et al, 2016). O desequilíbrio das relações de poder no local de trabalho e as condições indignas de trabalho para as mulheres as tornaram sensíveis a sofrerem assédio moral ou sexual no trabalho, segundo a Organização Internacional do Trabalho (2015), 52% das mulheres economicamente ativas já sofreram assédio no ambiente de trabalho (INTERNACIONAL DE SERVIÇOS PÚBLICOS, 2016).

4.3 CARACTERIZAÇÃO DO CUIDADO CONSIGO MESMAS E COM A FAMÍLIA

Segundo Monte (2015), a coletânea organizada por Louise Lhullier, afirma dos grandes impactos dessa inserção das mulheres no mercado de trabalho, ou seja, essa dupla jornada de estar presente no âmbito familiar, como também exercendo sua profissão, sendo esses aspectos que as mulheres atuantes na área da Psicologia reivindicaram pelos mesmos direitos igualitários, e pelas mesmas igualdades entre homens e mulheres. A pesquisa de campo feita em 2012 retratou que 64% das mulheres entrevistadas se dedicaram no máximo 2 horas diárias com os trabalhos domésticos, 32% usam 3 horas ou mais com atividades como: limpar casa, nas compras de supermercado, etc.; e 20% possuíram pouco envolvimento nessas atividades.

Gráfico 12. Tempo de dedicação aos afazeres domésticos



Fonte: Formulário desta pesquisa. 21 respondentes. Resposta única e estimulada

Na divisão do trabalho doméstico, 53% das psicólogas da pesquisa nacional contam com uma pessoa que é remunerada para ajudar executar o trabalho, 13% das psicólogas indicaram que o marido, companheiro (a) ou namorado (a) sendo como uma pessoa que auxilia nos trabalhos domésticos, 16% não compartilhou o trabalho com ninguém (LHULLIER; ROSALINDO, 2013). Esses autores descrevem que a entrada da mulher no mercado de trabalho não é algo sendo discutido como novo, das entrevistas feitas com as psicólogas demonstraram tensão ao articular aos afazeres domésticos, o cuidado de si e ao projeto profissional.

Os dados desse estudo coincidem com essa perspectiva, pois 57,1% das entrevistadas dedica até 5 horas do seu tempo aos afazeres domésticos; 42,9% dedicam essa mesma quantidade de tempo ao cuidado de si e em relação à saúde e 23,8% relataram que cuidam da saúde somente quando estão doentes. Na pesquisa realizada em 2012, 69% psicólogas responderam que dispuseram de 3 horas para os cuidados consigo e a saúde (práticas de atividades físicas, lazer, cuidados corporais, etc.) (LHULLIER; ROSALINDO, 2013).

Os resultados obtidos da pesquisa sobre a emancipação feminina no trabalho e suas repercussões na profissão de psicóloga dentro do município de Teófilo Otoni no estado de Minas Gerais permitiram identificar a realidade enfrentadas por estas profissionais nessa região. Sendo estes dados pouco divergentes em relação à pesquisa nacional feita em 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, teve-se como compreensão o modo como as psicólogas se posicionam frente às relações de trabalho na contemporaneidade, principalmente da região de Teófilo Otoni/MG. Observou-se que as mulheres encontraram dificuldades para a inserção no mercado de trabalho, inclusive nos campos da Psicologia. A emancipação feminina se tornou um viés importante para esse empoderamento das mulheres frente ao mercado de trabalho, pois as perspectivas sobre salários desiguais ou até mesmo falta de oportunidades na carreira são frequentes nas relações de trabalho.

A caracterização do exercício da profissão de Psicóloga no município de Teófilo Otoni/MG mostrou um público bastante jovem, com idades de 20 a 29 anos, dedicando-se à atuação de forma exclusiva como Psicóloga. Contudo, mesmo nesta área de atuação, as entrevistadas relataram ter sofrido de violência psicológica e também apresentaram dificuldades no enfrentamento desta situação, silenciando-se. Um descompasso já que parte significativa destas profissionais atende outras mulheres em situação de violência similar – também as silenciam? Esta é uma lacuna relevante para o aprofundamento dessa pesquisa ou o desenvolvimento de outras que tenham esse foco.

Em consonância com os resultados obtidos através da pesquisa realizada e os dados teóricos desenvolvidos para complementação desse estudo, constatou-se que houve mudanças que possibilitaram às mulheres trabalhadoras diminuir seu investimento na realização dos afazeres domésticos, o que não significa maior investimento em si mesmas ou em sua carreira profissional. O que faz refletir sobre o discurso de que a emancipação e o protagonismo feminino possam servir de base ao enfrentamento da violência contra as mulheres ou para sua autonomia. Essa pesquisa propôs uma reflexão sobre nós mesmas, como mulheres e psicólogas, e sobre nosso papel na sociedade e na busca incessante por direitos e igualdade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, L. W. *A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força secundária?* 2007. p. 328. (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-23102007-141151/pt-br.php> Acesso em 20 de out.2018.
- AMARAL, A. G. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. *Rev. Eletrônica do Curso de Pedagogia*, Jataí, n.13,v. 2, p. 1-20, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/22336> Acesso em 10 de out. 2018.
- BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Sociedade e Estado*. Brasília v.29, n 2, maio-agosto. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008 Acesso em 06 de nov. 2018.
- BAYLÃO, A.L.S.; SCHETTINO, O.M.E. *A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro*. In: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2014, Londrina, Anais... Londrina: SEGET - Londrina, 22 a 24 de out. 2014. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/20320175.pdf> Acesso em 11 de maio de 2019
- BRUSCHINI, A. C. M. *Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos*. Cadernos de pesquisa, São Paulo, v.37, n.132, p.537-572, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132.pdf> Acesso em de maio 2019.
- CALVACANTI, R. V. S. *Mulheres em ação: revoluções, protagonismos e práxis dos séculos XIX e XX*. Proj. História, São Paulo, p. 243-264, jun. 2005. Disponível em: [http://www4.pucsp.br/projeto/historia/downloads/volume30/14-Artg-\(Vanessa%20Simon\).pdf](http://www4.pucsp.br/projeto/historia/downloads/volume30/14-Artg-(Vanessa%20Simon).pdf) Acesso em: 11 de maio.2019.
- CASTRO, A. E. F.; YAMAMOTO, H. O. *A Psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo*. Estudos de Psicologia, Rio Grande do Norte, p. 147-158, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1998000100011&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 16 de maio 2019

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Uma profissão de muitas e diferentes mulheres: resultado preliminar da pesquisa 2012*. Brasília; CFP, 2013. Disponível em < <https://site.cfp.org.br/publicacao/quem-e-a-psicologa-brasileira/>

COSTA, R.C. *et al.* A violência contra a mulher nos Vales Jequitinhonha e Mucuri. *5º Encontro Internacional de Política Social*, Espírito Santo, v. 1, n. 1 p. 1-15, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/EINPS/issue/view/755>
Acesso em 03 de set. de 2018.

_____. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. *Pretextos*, Minas Gerais, v. 3, n. 6, maio. 2015. Acesso em 10 de nov. 2018.

GUEDES, D. R.; SOUSA, L. P. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.30 n.87, maio-agosto 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123> Acesso em: 05 de set. 2018.

INTERNACIONAL DE SERVIÇOS PÚBLICOS. *Violência contra as mulheres nos locais de trabalho: denuncie, combata, pare!* São Paulo, jan 2016. Disponível em < <https://www.condsef.org.br/publicacao/cartilha-isp-violencia-contra-as-mulheres-nos-locais-trabalho-denuncie-combata-pare-368.pdf> > Acesso em 10 de junho 2019.

MADERS, A. M.; ANGELIN, R. A construção da equidade nas relações de gênero e o movimento feminista no Brasil: avanços e desafios. *Cadernos de Direito*, Piracicaba, v. 10(19), p. 91-115, jul.-dez. 2010. Disponível em < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/cd/article/view/232> > Acesso em 08 de nov. 2018.

MONTE, E. L. *Um retrato da psicóloga brasileira*. Estudos Feministas, Florianópolis, v.23, n.1, jan-abril 2015. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000100279 > Acesso em 15 de maio 2019

PIGATTO, H. L.; PIGATTO M. M. L. *A Emancipação Feminina: uma re-leitura*. Cátedra FAMES, Rio Grande do Sul, p. 1-17, jun.2010. Disponível em: http://fames.edu.br/catedra/publicacoes/a_emancipacao_feminina_-_catedra.pdf/view Acesso em: 02 de nov. 2018.

QUITETE, J. B.; VARGENS, O. M. da c.; PROGIANTI, J. M. *Uma análise reflexiva do feminino nas profissões*. Disponível em: http://www.here.abennacional.org.br/here/n2vol1ano1_artigo1.pdf. Acesso em 19 de mai. 2019.

SAFFIOT, B.H.L. *Gênero, patriarcado e violência* .2ed. São Paulo: Graphium, 2011.

SILVA, *et al.* A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. *Rev. SBPH*. Rio de Janeiro, v.8 n.2, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006 Acesso em: 08 de nov. 2018.

SIMÕES, A. A. P.; MELLO, A. K. *A discriminação de gênero no ambiente de trabalho: particularidades e efeitos do assédio moral contra mulheres*. In: IX Mostra internacional de trabalhos científicos, 2016, Santo Cruz do Sul, Anais...Santo Cruz do Sul, 2016. Disponível em<<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/15877/3774>> Acesso em 12 de jun 2019.

STANCKI DA LUZ, N. Gênero e profissões científicas e tecnológicas no Brasil. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 5, n. 19, p. 29-37, 2009. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/6186/3837>. Acesso em 19 de mai. 2019.

TEIXEIRA, C. M. As Mulheres no Mundo do Trabalho: Ação das Mulheres, no Setor Fabril, para a Ocupação e Democratização dos Espaços Público e Privado. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, Abr-Jun 2009, v. 25 n. 2,p. 237-244. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722009000200012&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 20 de out. 2018.

TONELLI, J. M.; BETIOL, I. M. S. A mulher executiva e suas relações de trabalho. *Rev. adm. empres.* São Paulo v.31, n.4, Out/Dez. 1991. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901991000400003 Acesso em 10 de nov 2018.

ROSEMBERG, F. Psicologia, profissão feminina. *Cadernos de pesquisa*, v.47, p.32-37, nov. 1983.

Disponível em<<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1477>> Acesso em 10 de maio 2019.

AKUTSU, B. H. S. *et al* A violência contra mulher no mercado de trabalho. In: XXI Congresso Nacional de Excelencia em Gestão,2016,,.Anais...29 a 30 de set.2014. Disponível em <http://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_004.pdf>Acesso em 11 de maio de 2019.

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: “A EMANCIPAÇÃO FEMININA NO TRABALHO E SUAS REPERCUSSÕES NA PROFISSÃO DE PSICÓLOGA” que tem por objetivo Descrever os posicionamentos das mulheres psicólogas frente às relações de trabalho na contemporaneidade, principalmente nos campos de atuação da Psicologia no município de Teófilo Otoni/MG. Essa pesquisa será realizada com as(os) psicólogas(os) que atuam nos diversos campos de trabalho da psicologia do município de Teófilo Otoni, em Minas Gerais. Sua participação no estudo consistirá em responder algumas questões objetivas no formulário de pesquisa sobre o tema já mencionado. O preenchimento do formulário terá uma duração de aproximadamente 20 (vinte) minutos. Se houver algum problema relacionado com a pesquisa, o(a) senhor(a) será encaminhado para o Núcleo de Psicologia Aplicada do Centro Universitário Doctum de Teófilo Otoni, onde será atendido/acompanhado ou poderá ser encaminhado para o serviço de referência para acompanhamento. Os riscos com essa pesquisa são mínimos, sendo que você poderá se sentir desconfortável em responder alguma pergunta, mas tem a liberdade de não responder, interromper o preenchimento do formulário ou retirar seu consentimento em qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. Você terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa. Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a coordenadora responsável pelo estudo: Kely Prata Silva, que pode ser localizado na Coordenação do Curso de Graduação de Psicologia do Unidocum, pelo telefone (33) 3529 3161, das 17 às 22 horas, ou pelo e-mail kely.prata@doctum.edu.br. O Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Unificadas de Teófilo Otoni também poderá ser consultado caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa pelo telefone (33) 3529 3163 ou pelo e-mail etica.to@doctum.edu.br. Sua participação é importante e voluntária e vai gerar informações que serão úteis para

compreensão da atuação da(o) psicóloga(o) no âmbito da saúde pública e da saúde coletiva, ampliando a própria concepção acerca da profissão de psicóloga(o), além de possibilitar a preparação prévia para os desafios que possam ser encontrados para inserção futura neste campo de atuação. Este termo será assinado em duas vias, ficando uma via em seu poder.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: “A emancipação feminina no trabalho e suas repercussões na profissão de psicóloga”. Discuti com a pesquisadora Kely Prata Silva ou com seu substituto, responsável pela pesquisa, sobre minha decisão em participar do estudo. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

____/____/_____.

Assinatura do entrevistado

Teófilo Otoni,

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste entrevistado para a sua participação neste estudo.

____/____/_____.

Assinatura da responsável pelo estudo.

Teófilo Otoni,

APÊNDICE 2

FORMULÁRIO DE PESQUISA “A EMANCIPAÇÃO FEMININA NO TRABALHO E SUAS REPERCUSSÕES NA PROFISSÃO DE PSICÓLOGA”

Este questionário faz parte de uma pesquisa de campo realizada pelas alunas do Curso de Graduação em Psicologia. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (Trabalho de Conclusão de Curso), sendo garantida sua confidencialidade. Portanto não é necessário identificar-se através de seu nome, nem assinar nenhuma das folhas do questionário. Solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões, assinalando a alternativa de resposta mais próxima de seu modo de pensar e das condições de realização de seu trabalho como psicóloga. Obrigada pela sua colaboração.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1 Idade:

- 20-29 anos
- 30-39 anos
- 40-49 anos
- acima de 50 anos

1.2 Raça/Cor:

- Branca
- Indígena
- Negra
- Parda
- Oriental

1.3 Estado civil:

- Solteira
- Casada/União estável
- Separada
- Divorciada
- Viúva

1.4 Número de filhos/as:

1 2 3 4 5 ou mais

Indique a idade de seus filhos/as: _____

2. O TRABALHO COMO PSICÓLOGA**a. Há quanto tempo você atua como Psicóloga?**

- Menos de 01 ano
- Entre 1 e 3 anos
- entre 4 e 6 anos
- Acima de 6 anos

b. Você atua como Psicóloga:

- exclusivamente.
- é a minha principal atividade profissional.
- não é a minha principal atividade profissional.

c. Em que área você atua como Psicóloga?

- Clínica
- Docência
- Escolar
- Jurídica
- Hospitalar
- Organizacional
- Saúde
- Segurança pública
- Social / Comunitária
- Trânsito / Mobilidade urbana

Outros: _____

2.4 Em qual local você exerce atividade principal como Psicóloga?

- Clínica/Consultório particular
- Clínica Detran
- Comunidades terapêuticas
- Empresa privada
- Hospitais
- Instituições de Ensino Fundamental/Médio
- Instituições de Ensino Superior

- () Poder judiciário. Especifique: _____
- () Unidades de Segurança Pública. Especifique: _____
- () Unidades do SUS. Especifique: _____
- () Unidades do SUAS. Especifique: _____
- () Outros: _____

2.5 Qual o seu cargo como Psicóloga, em seu local de trabalho?

- () Gestão
- () Suporte a Gestão (Analista; Assistente)
- () Coordenação / Gerência
- () Técnico / Especialista
- () Não se aplica, pois trabalho de forma autônoma.

2.6 Qual o número de horas semanais em que exerce a profissão como Psicóloga?

- () Até 5 horas
- () 6 a 10 horas
- () 11 a 15 horas
- () 16 a 20 horas
- () 21 a 25 horas
- () 26 a 30 horas
- () 31 a 35 horas
- () 36 a 40 horas
- () 41 a 45 horas
- () Mais de 46 horas

2.7 Qual a parcela de seus rendimentos é proveniente da profissão de Psicóloga?

- () 91% a 100%
- () 81% a 90%
- () 61% a 80%
- () 51% a 60%
- () 1% a 10%

2.8 Qual é o seu contrato de trabalho como Psicóloga?

- () Autônoma
- () Assalariada conforme a CLT
- () Assalariada conforme regime estatutário

() Outro: _____

2.9 Para seu exercício profissional como Psicóloga foi necessário complementar sua formação?

- () Não.
() Sim. () Curso de formação.
 () Especialização *lato sensu*.
 () Especialização *stricto sensu*.

2.10 Você recebe apoio para investir em sua qualificação profissional?

- () Não.
() Sim. Quem oferece apoio?
 () Parceiro/a () Familiares () Colegas de Trabalho
 () Gestores () Outros: _____

2.11 Já sofreu algum tipo de violência de gênero no ambiente de trabalho?

- () Não.
() Sim. () Nos últimos 6 meses () Nos últimos 12 meses
 () Nos últimos 18 meses () Há mais de 18 meses
Qual tipo de violência?
() física () sexual () moral () psicológica () patrimonial
Autor/a(s) da violência?
() colega de trabalho () gestor/a () cliente
Qual a sua reação? () Fiz denúncia () Não fiz denúncia
Qual o impacto em sua vida pessoal?
() Leve () Moderado () Grave () Não sei avaliar

3 ATIVIDADES DOMÉSTICAS E CUIDADOS COM A FAMÍLIA

3.1 Quanto tempo por semana você dedica aos cuidados com sua saúde?

- () Até 5 horas () 6 a 10 horas () 11 a 15 horas () 16 a 20 horas
() Mais de 20 horas
() Não dedico nenhum tempo semanal a cuidados com a saúde.
() Cuido da saúde apenas quando estou doente.

3.2 Quanto tempo por semana você dedica aos afazeres domésticos?

- () Até 5 horas () 6 a 10 horas () 11 a 15 horas () 16 a 20 horas
() Mais de 20 horas

- Apenas nos fins de semana
- Não faço serviços domésticos

3.4 Você tem auxílio de alguém para realizar os afazeres domésticos?

- Não.
- Sim. Parceiro/a Familiares
- Empregada doméstica Empresa especializada

3.5 Quanto tempo por semana você dedica aos cuidados com seus filhos?

- Até 5 horas 6 a 10 horas 11 a 15 horas 16 a 20 horas
- Mais de 20 horas
- Apenas nos fins de semana

3.6 Você tem auxílio de alguém para cuidar de seus filhos/as?

- Não.
- Sim. Parceiro/a Empregada doméstica Familiares

3.7 Qual a parcela de seus rendimentos é comprometida com cuidados domésticos e familiares?

- 91% a 100%
- 81% a 90%
- 61% a 80%
- 51% a 60%
- 1% a 10%

3.8 Qual a repercussão do seu investimento em sua carreira como psicóloga em sua vida familiar/doméstica?

- Maior contribuição financeira
- Maior satisfação com as relações familiares
- Maior sobrecarga com a jornada dupla
- Maior conflito com parceiro/a e com filhos/as
- Maior conflito/cobrança comigo mesma

3.9 Já sofreu algum tipo de violência de gênero no ambiente doméstico/familiar em função de seu investimento em sua carreira profissional?

- Não.
- Sim. Nos últimos 6 meses Nos últimos 12 meses
- Nos últimos 18 meses Há mais de 18 meses

Qual tipo de violência?

física moral psicológica sexual patrimonial

Autor/a(s) da violência? parceiro/a filhos/as familiares

Qual a sua reação? Fiz denúncia Não fiz denúncia

Qual o impacto em sua vida profissional?

Leve Moderado Grave Não sei avaliar

Caso queira comentar aspectos do questionário e apresentar questões que não foram apresentadas em relação ao trabalho como Psicóloga, utilize o espaço abaixo.